

# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalent*

Ano LI, número 25 (2.652)

Cidade do Vaticano

terça-feira 23 de junho de 2020

Apelo do Pontífice no final do Angelus

## Dignidade e segurança para os migrantes



### NESTE NÚMERO

*Pág. 2:* Mensagem de vídeo a pescadores e marinheiros; Um site por semana; Carta do Papa às religiosas do mosteiro de Santa Rita em Cássia; *pág. 3:* Audiência geral de quarta-feira; *pág. 4:* A declaração “Dignitatis humanae”, por Andrea Tornielli; *pág. 5:* Síntese do documento elaborado pela Mesa interdicasterial sobre a ecologia integral cinco anos após a «Laudato si'», por Isabella Piro; *págs. 6/7:* Saramago e a miopia do mal, por Sérgio Suchololak; Um vocabulário do Papa Francisco, por Bartolomeu; Jesuíta e franciscano, por Sean O'Malley; *pág. 8:* Os efeitos da pandemia na vida das comunidades católicas no mundo, por Roberto Cetera; *pág. 10:* Mensagem de vídeo do Pontífice às Scholas Occurrentes no Dia mundial do meio ambiente; *pág. 11:* Informações; Faleceu por causa da Covid-19 também Paulinho Paiaçã; *pág. 12:* Angelus de domingo.

# Agradecimento do Pontífice pelos sacrifícios enfrentados durante a pandemia

Numa mensagem de vídeo a pescadores e marinheiros

Por causa do coronavírus «o vosso trabalho de marinheiros e pescadores tornou-se ainda mais importante, para fornecer à grande família humana alimentos e outros bens de primeira necessidade. Por isso vos agradeço»: disse o Papa aos trabalhadores do mar através de uma mensagem de vídeo transmitida na tarde de quinta-feira, 17 de junho. A seguir, o texto.

Amados irmãos e irmãs!

Estes são tempos difíceis para o mundo porque estamos a lidar com o sofrimento causado pelo coronavírus. O vosso trabalho como marinheiros e pescadores tornou-se ainda mais importante, para fornecer à grande família humana alimentos e outros bens de primeira necessidade. Por isso, vos agradeço. Também porque se trata de uma categoria muito exposta. Nos últimos meses, a vossa vida e o vosso trabalho mudaram consideravelmente e enfrentastes — e ainda enfrentais — muitos sacrifícios, longos períodos de distância a bordo de navios sem poder descer à terra. A distância da família, dos amigos e

do vosso país, o medo do contágio, todos estes elementos são um fardo pesado a suportar, agora mais do que nunca.

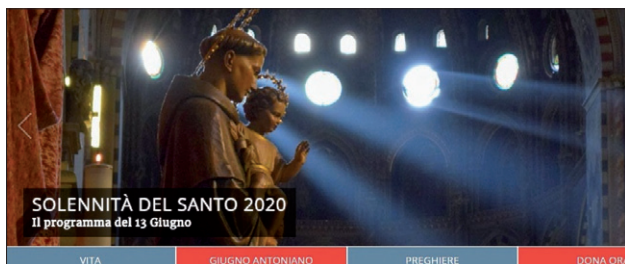
Gostaria de vos dizer: sabei que não estais sozinhos nem esquecidos. O vosso trabalho no mar afasta-vos muitas vezes, mas estais presentes nas minhas orações e pensamentos, bem como nos dos capelães e dos voluntários da “Stella Maris”. O próprio Evangelho nos lembra isto quando nos fala de Jesus com os seus primeiros discípulos, que eram todos pescadores, como vós. Hoje desejo enviar-vos uma mensagem e uma oração de esperança, uma oração de conforto e de consolo contra toda a adversidade e, ao mesmo tempo, encorajo quantos trabalham convosco na pastoral dos marítimos.

Que o Senhor abençoe cada um de vós, abençoe o vosso trabalho e as vossas famílias; e que a Virgem Maria, Estrela do Mar, vos proteja sempre. Também eu vos abençoe e rezo por vós. E vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!



Um site por semana

## Santo António de Pádua/Lisboa



FABIO BOLZETTA

Um site na internet para redescobrir a figura de Santo António de Pádua/Lisboa, poucos dias depois da memória litúrgica com a qual, no dia 13 de junho, a Igreja e a cidade da qual é patrono o celebraram: «Homem medieval, religioso franciscano, pregador, teólogo e santo». No portal dos Frades menores conventuais da basílica de Santo António de Pádua/Lisboa são publicados os textos dos *Sermões*, obra literária e teológica do Santo, escrita como instrumento de formação para a vida cristã, explicando a Escritura a partir das leituras da liturgia dominical e festiva do seu tempo.

Uma parte online volta a percorrer as principais etapas da sua vida: os primeiros anos em Lisboa, a entrada no convento agostiniano de São Vicente e a transferência para Coimbra (naquela época capital de Portugal, onde foi ordenado sacerdote), a mudança franciscana em 1220, a experiência na África, depois como pregador na Itália e na França, o cargo de ministro provincial e, após a morte ocorrida em 1231, o seu testamento espiritual. Este ano, por ocasião do oitavo centenário da “vestidura” franciscana, os frades da basílica publicaram, durante treze terças-feiras, igual número de “meditações em vídeo”, agora reunidas num livro, que pode ser baixado gratuitamente no site da internet *Con sant’Antonio in cammino lungo i sentieri della vita* “Com Santo António a caminho pelas sendas da vida”. [www.santantonio.org](http://www.santantonio.org)

Carta do Papa às religiosas do mosteiro de Santa Rita em Cássia

## Cinco rosas e uma prece

«Que os irmãos e as irmãs marcados pela aflição voltem a acorrer a este oásis de paz, para tomar novos caminhos rumo à verdade que nos liberta». Estes são os votos do Papa Francisco para a reabertura do santuário de Santa Rita ao fluxo de peregrinos que, do mundo inteiro, vão habitualmente a Cássia. O Pontífice confiou-os a uma carta dirigida à priora do mosteiro, irmã Maria Rosa Bernardinis.

Com efeito, um fio invisível de afeto e de oração foi tecido nos últimos dias entre aquela pequena cidade da Umbria e o Vaticano: a 22 de maio, as religiosas tinham enviado ao Pontífice cinco rosas bentas, segundo a tradição, por ocasião da festa da padroeira. Um gesto pensado não só pelas monjas, mas também pelos padres agostinianos, para se unir ao Pontífice na invocação da intercessão de Santa Rita sobre toda a humanidade atingida pela pandemia. E imediatamente chegou a resposta de Francisco, que concedeu a «toda a comunidade monástica, aos padres agostinianos e às Pequenas Abelhas da Colmeia de Santa Rita» a sua bênção «como sinal de proximidade e de gratidão pela oração a favor do meu ministério». A homenagem floral, «símbolo dos cinco continentes foi colocada aos pés de Nossa Senhora», transformando-se imediatamente numa prece comum,

a fim de que «a intercessão da Mãe do Céu e da Santa dos casos impossíveis nos faça cumprir a vontade de Deus, a Quem tudo é possível».

Mais uma vez, o pensamento do Pontífice dirigiu-se a quantos sofreram as consequências do contágio da Covid-19. «Neste tempo de pandemia — escreve Francisco — anunciemos a todos que Jesus é a nossa única esperança» e que «no Senhor Ressuscitado o Pai cumpre todas as promessas, oferecendo-nos a maior prova da sua fidelidade». Portanto, acrescenta o Papa, «não nos resignemos ao sofrimento, nem à morte, mas coloquemo-nos a caminho para construir o futuro que Deus quer realizar para todos os seus filhos!».

Como sinal de solicitude pela Itália, dramaticamente atingida pelo coronavírus, tinha sido enviada uma rosa também ao presidente da República, ao presidente do Conselho, aos presidentes das regiões e aos presidentes das conferências episcopais regionais. E na vigília da manifestação «Portas abertas à colmeia» (16 de junho), as religiosas apreciaram particularmente a atenção prestada por Francisco às “Pequenas Abelhas”, meninas e moças de famílias em dificuldade que são acolhidas e ajudadas na estrutura da Colmeia de Santa Rita, que faz parte do mosteiro.

## L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum. Non praevalent

Cidade do Vaticano  
redazione.portoghese.or@spc.va  
[www.osservatoreromano.va](http://www.osservatoreromano.va)

ANDREA MONDA  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação  
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +39069899420  
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico  
telefone +39069884797  
fax +39069884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 38,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: [assinaturas.or@spc.va](mailto:assinaturas.or@spc.va)

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 00531231042036, e-mail: [sac@editorasantuario.com.br](mailto:sac@editorasantuario.com.br)

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, [segreteria@redazione.system@ilsol24ore.com](mailto:segreteria@redazione.system@ilsol24ore.com)



## CATEQUESE

Francisco falou da oração de Moisés

## Pontes entre o povo e Deus

E recordou o Dia da consciência

*A missão dos pastores é ser «pontes entre o povo, ao qual pertencem, e Deus», afirmou o Papa na audiência geral de quarta-feira 17 de junho, que teve lugar na Biblioteca particular do Palácio apostólico do Vaticano, por causa da pandemia. Continuando o ciclo de catequeses iniciado a 6 de maio, o Pontífice falou da oração de Moisés.*

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso itinerário sobre o tema da oração, damo-nos conta de que Deus nunca gostou de lidar com orantes “fáceis”. Nem sequer Moisés será um interlocutor “fraco”, desde o primeiro dia da sua vocação.

Quando Deus o chama, Moisés é humanamente “um fracasso”. O livro do Êxodo representa-o na terra de Madian como um fugitivo. Quando era jovem sentiu piedade pelo seu povo, pondo-se também da parte dos oprimidos. Mas depressa descobre que, apesar das boas intenções, das suas mãos não brota justiça mas, pelo contrário, violência. Eis que se desintegram os sonhos de glória: Moisés já não é um funcionário promissor, destinado a uma carreira rápida, mas alguém que perdeu oportunidades, e que agora apascenta um rebanho que nem sequer é seu. E é precisamente no silêncio do deserto de Madian que Deus convoca Moisés para a revelação da sarça ardente: “Eu sou o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob”. Moisés escondeu o rosto, pois não se atrevia a olhar para Deus» (Êx 3, 6).

A Deus que fala, que o convida a cuidar novamente do povo de Israel, Moisés opõe os seus receios e as suas objeções: não é digno daquela missão, não conhece o nome de Deus, os israelitas não acreditam nele, tem uma língua que gagueja... E assim muitas objeções. A palavra que floresce mais frequentemente nos lábios de Moisés, em cada oração que dirige a Deus, é a pergunta: “Porquê?”. Por que me enviastes? Por que quereis libertar este povo? No Pentateuco há até um trecho dramático, onde Deus repreende Moisés pela sua falta de confiança, falta que o impedirá de entrar na terra prometida (cf. Nm 20, 12).

Com estes temores, com este coração que muitas vezes vacila, como pode Moisés rezar? Na verdade, Moisés parece um homem como nós. E isto também acontece a

nós: quando temos dúvidas, mas como podemos rezar? Nós conseguimos rezar. E é com a sua fraqueza, e também com a sua força, que ficamos impressionados. Apesar de ser encarregado por Deus de transmitir a Lei ao seu povo, de ser fundador do culto divino, de ser mediador dos mistérios mais altos, contudo não deixa de manter estreitos vínculos de solidariedade com o seu povo, especialmente na hora da tentação e do pecado. Sempre ligado ao seu povo. Moisés nunca perdeu a memória do seu povo. É esta é uma grandeza dos pastores: não esquecer o povo, não esquecer as raízes. É isto que Paulo diz ao seu amado jovem bispo Timóteo: “Recorda a tua mãe e a tua avó, as tuas raízes, o teu povo”. Moisés é tão amigo de Deus que pode falar com Ele face a face (cf. Êx 33, 11); e permanecerá tão amigo dos homens que sentirá misericórdia pelos seus pecados, pelas suas tentações, pela inesperada nostalgia que os exilados têm em relação ao passado, lembrando-se de quando estavam no Egito.

Moisés não nega a Deus, mas também não nega o seu povo. É coerente com o seu sangue, é coerente com a voz de Deus. Portanto, Moisés não é um líder autoritário nem despótico; pelo contrário, o Livro dos Números define-o «mais humilde e paciente do que qualquer homem sobre a terra» (cf. 12, 3). Apesar da sua condição privilegiada, Moisés não deixa de pertencer àquele grupo de pobres em espírito que vivem fazendo da confiança em Deus o viático do próprio caminho. Ele é um homem do povo.

Assim, a forma mais adequada de Moisés rezar será a *intercessão* (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2574). A sua fé em Deus é uma só com o sentido de paternidade que nutre pelo seu povo. Habitualmente, a Escritura representa-o com as mãos erguidas para o alto, para Deus, como se servisse de ponte com a sua pessoa entre o céu e a terra. Até nos momentos mais difíceis, até no dia em que o povo rejeita a Deus e a ele mesmo como



guia, fazendo um bezerro de ouro, Moisés não quer pôr de lado o seu povo. É o meu povo. É o seu povo. É o meu povo. Não nega a Deus ou ao povo. E diz a Deus: «Este povo cometeu um grande pecado: fez para si mesmo um deus de ouro. Rogo-vos que lhe perdoeis este pecado! Caso contrário, apagai-me do livro que escrevestes!» (Êx 32, 31-32). Moisés não permuta o povo. Ele é a ponte, ele é o intercessor. Ambos, o povo e Deus, e ele está no meio. Ele não vende o seu povo para fazer carreira. Não é um carreirista, é um intercessor: pelo seu povo, pela sua carne, pela sua história, pela sua gente e por Deus que o chamou. É a ponte. Que bom exemplo para todos os pastores que devem ser “ponte”. É por isso que se chamam *pontífex*, pontes. Os pastores são pontes entre o povo a que pertencem e Deus, a quem pertencem por vocação. Assim é Moisés: “Perdoai, Senhor, o seu pecado, pois se não perdoares, apagai-me do livro que escrevestes. Não quero fazer carreira com o meu povo”.

E esta é a oração que os verdadeiros fiéis cultivam na sua vida espiritual. Embora experimentem as falhas das pessoas e a sua distância de Deus, estes orantes não as condenam, nem as rejeitam. A atitude de intercessão é própria dos Santos que, à imitação de Jesus, são “pontes” entre Deus e o seu povo. Neste sentido, Moisés foi o maior profeta de Jesus, nosso defensor e intercessor (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2577). E também hoje, Jesus é o *pontífex*, ele é a ponte entre nós e o Pai. E Jesus intercede por nós, mostra ao Pai as feridas que são o preço da nossa salvação e intercede. E Moisés é a figura de Jesus que reza por nós hoje, ele intercede por nós.

Moisés exorta-nos a rezar com o mesmo fervor de Jesus, a interceder pelo mundo, a recordar que ele,

apesar de todas as suas fragilidades, pertence sempre a Deus. Todos pertencem a Deus. Os piores pecadores, as pessoas mais perversas, os líderes mais corruptos, são filhos de Deus e Jesus sente isso e intercede por todos. E o mundo vive e prospera graças à bênção dos justos, à oração de piedade, esta oração de piedade que o santo, o justo, o intercessor, o sacerdote, o Bispo, o Papa, o leigo, qualquer batizado, eleva incessantemente pelos homens, em todos os lugares e épocas da história. Pensemos em Moisés, o intercessor. E quando temos vontade de condenar alguém e nos irritamos interiormente – irritar-se faz bem, mas condenar não – intercedemos por ele: isto ajuda-nos muito.

*No final da audiência, saudando em diversas línguas quantos o seguiam através dos meios de comunicação, Francisco recordou o “Dia da consciência” e dirigiu aos fiéis de língua portuguesa as seguintes palavras.*

Hoje é o “Dia da Consciência”, inspirado no testemunho do diplomata português Aristides de Sousa Mendes, que há oitenta anos decidiu seguir a voz da consciência e salvar a vida de milhares de judeus e outros perseguidos. Que a liberdade de consciência seja sempre e em toda parte respeitada; e que cada cristão dê um exemplo de coerência com uma consciência reta e iluminada pela Palavra de Deus.

Dirijo uma cordial saudação aos fiéis de língua portuguesa, encorajando-vos a tornar-vos, com a vossa oração de intercessão e o vosso exemplo de vida cristã, “luz” para os irmãos, especialmente para aqueles que se encontram na escuridão das suas fraquezas, de modo que se deixem iluminar pela misericórdia divina. Que Deus vos abençoe!

Assim o Concílio sancionou o direito à liberdade religiosa

## A declaração “*Dignitatis humanae*”

ANDREA TORNIELLI

«Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem o direito à liberdade religiosa». Foi a 7 de dezembro, há 55 anos, e os bispos reunidos na Basílica de São Pedro aprovaram um dos documentos do Concílio mais longamente debatidos, a declaração *Dignitatis humanae* sobre a liberdade religiosa. «Esta liberdade – afirma o documento – consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou de qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites. Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, como a palavra revelada de Deus e a própria razão a dão a conhecer. Este direito da pessoa humana à liberdade religiosa na ordem jurídica da sociedade deve ser de tal modo reconhecido que se torne um direito civil».

### A contribuição do Papa Montini

A *Dignitatis humanae* é um texto que passou por uma transformação radical durante cinco projetos diferentes antes de ser aprovado. O problema fundamental, que criou mais dificuldades, foi como definir essa liberdade. No segundo dos projetos preparados, ela foi apresentada como um direito positivo, como faculdade de agir e direito de não ser impedido de agir. «Mas já no terceiro esquema – recordou o cardeal dominicano Jérôme Hamer, na altura um dos teólogos especialistas que colaborou na redação – a ambiguidade de uma liberdade religiosa definida como um direito positivo e negativo tinha desaparecido. Falou-se então de um direito à imunidade, um direito a não ser coagido por qualquer poder humano não só na formação da consciência em matéria religiosa, mas também no livre exercício da religião». Uma contribuição decisiva para a formulação do documento e para a definição de liberdade religiosa como imunidade veio de Paulo VI, que, durante uma audiência pública em 28 de junho de 1965, descrevendo a liberdade religiosa, afirmou: «Vereis uma grande parte desta doutrina capital resumida em duas propostas famosas: em matéria de fé, que ninguém seja impedido! Que ninguém seja forçado!» (*nemo cogatur, nemo impediatur*).

### A ordem de votar o projeto

O debate na sala foi vivaz, com 62 intervenções orais e cerca de uma centena de contributos escritos. As dificuldades subsistiram e os órgãos dirigentes do Concílio decidiram não deixar votar o texto, como solicitado pelo Secretariado para a unidade dos Cristãos. Os receios expressos foram sempre os mesmos: direitos iguais conferidos «aos que estem

na verdade e aos que estão no erro», a proposição de um modelo «de Estado neutro condenado pela Igreja», uma doutrina «em oposição à doutrina tradicional da Igreja sobre a matéria». O Papa Montini interveio a 21 de setembro, dando ordem para que os padres votassem, perguntando-lhes se o texto preparado poderia constituir a base para a futura declaração. A votação registou, dos 2.222 presentes, a resposta afirmativa de 1.997, e negativa de 224 e um voto nulo. O cardeal Pietro Pavan definirá como “histórica” a intervenção papal que decidiu votar o projeto.

### A dignidade da pessoa

O texto definitivo do documento, no primeiro parágrafo, diz o seguinte: «Ora, visto que a liberdade religiosa... diz respeito à imunidade de coação na sociedade civil, em nada afeta a doutrina católica tradicional acerca do dever moral que os homens e as sociedades têm para com a verdadeira religião e a única Igreja de Cristo». Portanto, a afirmação do direito à liberdade religiosa não equivale a colocar no mesmo plano a verdade e a falsidade, nem a afirmar indiferença ou arbitrariedade na esfera religiosa. «Uma vez que continua a ser o dever de formar uma verdadeira consciência – observou o padre Gianpaolo Salvini – não há oposição à consciência da Igreja de ser a única verdadeira religião... O fundamento da liberdade religiosa é expresso de forma assertiva e está indicado na doutrina católica da dignidade da pessoa humana. Além disso, a relação com os dados bíblicos e a revelação é vista de uma forma nova, que, embora não fale expressamente deste direito (que é uma determinação civil e jurídica), revela no entanto a dignidade da pessoa humana em toda a sua amplitude de uma forma congruente com a liberdade do ato de fé cristão».

### Contra o ateísmo de Estado nos países do Leste

«O contributo pessoal de Paulo VI para este documento do Concílio foi determinante», afirmou o cardeal Pietro Pavan. O Papa interveio para que o esquema em curso fosse vota-

do e contribuiu para a definição da liberdade religiosa como um direito à imunidade. O contributo de Montini deve também ser lido à luz da importante visita à Onu em outubro de 1965 e dos primeiros contactos com os regimes do Além-Cortina de Ferro, com vista a melhorar de alguma forma as condições de vida dos cristãos e, de um modo mais geral, das populações sujeitas à ditadura comunista. A declaração *Dignitatis humanae* sobre a liberdade religiosa será, de facto, um instrumento útil para reivindicar o respeito por este direito elementar nos países onde o ateísmo de Estado era professado.

### João Paulo II: um dos textos mais revolucionários

Numa mensagem de 7 de dezembro de 1995, por ocasião do trigésimo aniversário da aprovação da declaração, João Paulo II – que, como padre conciliar, seguiu de perto o caminho do documento, contribuindo para a sua elaboração – afirmou: «O Concílio Vaticano II representou uma graça extraordinária para a Igreja e uma etapa decisiva na sua história recente. A *Dignitatis humanae* é, sem dúvida, um dos textos mais revolucionários. É seu o mérito particular e importante de ter aberto caminho a esse diálogo notável e frutuoso entre a Igreja e o mundo, tão ardentemente instado e encorajado por outro notável documento conciliar, a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, publicada naquele mesmo dia. Olhando retrospectivamente para os últimos trinta anos, há que admitir que o empenho da Igreja na liberdade religiosa como um direito inviolável da pessoa humana teve efeitos superiores a qualquer previsão dos Padres conciliares». Quatro anos antes, na mensagem para o Dia da Paz de 1991, o Papa Wojtyła reiterou que «nenhuma autoridade humana tem o direito de intervir na consciência de qualquer homem». De facto, a consciência é “inviolável”, na medida em que constitui «a condição necessária para a busca da verdade digna do homem e para a adesão a ela, se adequadamente reconhecida». Por isso, decorre que «todos devem respeitar a consciência de cada um sem procurar impor a sua própria “verdade” a

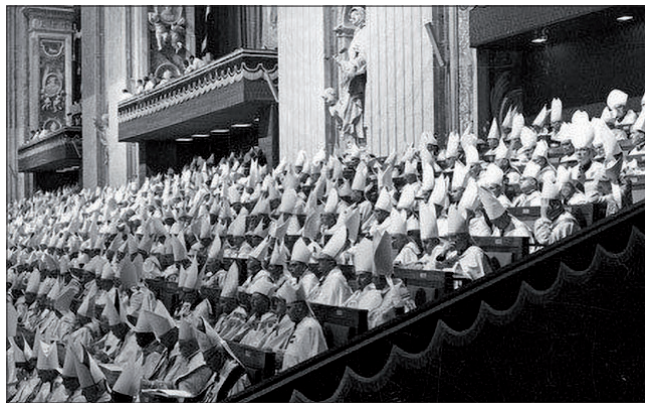
ninguém... A verdade impõe-se unicamente em virtude de si mesma».

### Bento XVI e o exemplo dos mártires

Recordemos também as palavras que Bento XVI dedicou a este tema no seu primeiro discurso à Cúria Romana, a 22 de dezembro de 2005, quando convidou «a considerar a liberdade de religião como uma necessidade derivante da convivência humana, aliás, como uma consequência intrínseca da verdade que não pode ser imposta do exterior, mas deve ser feita pelo próprio homem somente mediante o processo do convencimento. O Concílio Vaticano II, com o Decreto sobre a liberdade religiosa, reconhecendo e fazendo seu um princípio essencial do Estado moderno, recuperou novamente o património mais profundo da Igreja. Ela pode ser consciente de encontrar-se assim em plena sintonia com o ensinamento do próprio Jesus como também com a Igreja dos mártires, com os mártires de todos os tempos. A Igreja antiga, com naturalidade, rezou pelos imperadores e pelos responsáveis políticos considerando isso seu dever; porém, enquanto rezava pelos imperadores, recusou-se adorá-los, e com isto rejeitou claramente a religião do Estado». «Os mártires da Igreja primitiva – afirmou ainda o Papa Ratzinger – morreram pela sua fé naquele Deus que se revelou em Jesus Cristo, e exatamente por isso, morreram também pela liberdade de consciência e pela liberdade de profissão da própria fé – uma profissão que por nenhum Estado pode ser imposta, mas que se pode verificar somente com a graça de Deus, na liberdade da consciência. Uma Igreja missionária que, como se sabe, insiste em anunciar a sua mensagem a todos os povos, deve empenhar-se pela liberdade da fé».

### Desafio para o mundo globalizado

Num discurso dirigido aos participantes no congresso internacional “Liberdade religiosa segundo o direito internacional e o conflito global dos valores”, o Papa Francisco afirmou: «A razão reconhece na liberdade religiosa um direito fundamental do homem que reflete a sua mais alta dignidade, a de poder procurar a verdade e de lhe aderir, e reconhecer nela uma condição indispensável para poder alargar toda a sua potencialidade. A liberdade religiosa não é só a de um pensamento ou de um culto privado. É liberdade de viver segundo os princípios éticos consequentes à verdade encontrada, quer em privado quer em público. Este é um grande desafio no mundo globalizado, onde o pensamento débil – que é como uma doença – abaixa também o nível ético geral, e em nome de um falso conceito de tolerância acaba-se por perseguir os que defendem a verdade acerca do homem e as suas consequências éticas».





Síntese do documento elaborado pela Mesa interdicasterial sobre a ecologia integral cinco anos após a «Laudato si'»

## Uma relação saudável com a criação

*Na manhã de quinta-feira, 18 de junho, foi apresentado na Sala de Imprensa o documento «A caminho para cuidar da casa comum – Cinco anos após a Laudato si'» elaborado pela Mesa interdicasterial da Santa Sé sobre a ecologia integral. Propomos a seguir uma síntese do documento.*

ISABELLA PIRO

Oferecer uma orientação à ação dos católicos, mas não só, e chamar todos os cristãos a uma relação saudável com a Criação: são estes os objetivos do documento interdicasterial «A caminho para cuidar da casa comum», difundido por ocasião do quinto aniversário da encíclica «Laudato si'», assinada pelo Papa Francisco a 24 de maio de 2015 e publicada no dia 18 de junho seguinte. O texto foi elaborado pela Mesa Interdicasterial da Santa Sé sobre ecologia integral, criada em 2015 para analisar a forma de promover e implementar a ecologia integral. Fazem parte dela as instituições ligadas à Santa Sé que mais se dedicam a esta área, algumas Conferências Episcopais e organizações católicas.

Embora redigido antes da pandemia da Covid-19, o documento destaca a principal mensagem da encíclica: tudo está ligado, não há crises separadas, mas uma crise socioambiental única e complexa que requer uma verdadeira conversão ecológica. A primeira parte inicia com uma chamada à necessidade de conversão ecológica, uma mudança de mentalidade que leva a cuidar da vida e da Criação, o diálogo com o outro e a consciência da profunda ligação entre os problemas do mundo. Sugere-se, portanto, o reforço de iniciativas como o Tempo da Criação, mas também de tradições monásticas que ensinam a contemplação, a oração, o trabalho e o serviço. Tudo com a finalidade de educar para o conhecimento da ligação entre o equilíbrio pessoal, social e ambiental.

O documento reafirma então a centralidade da vida e da pessoa humana, porque «não se pode defender a natureza se não se defender todo o ser humano». Assim, a indicação de aprofundar o conceito de «pecado contra a vida humana», especialmente entre as novas gerações, também para contrastar a «cultura do descarte» com uma «cultura dos cuidados».

Há também uma forte ênfase da família como «protagonista da ecologia integral»: assente nos princípios básicos de «comunhão e fecundidade», pode tornar-se «um lugar educativo privilegiado onde se aprende a respeitar o ser humano e a Criação». Por este motivo, os Estados são exortados a «promover políticas inteligentes para o desenvolvimento familiar». Ao mesmo tempo, espera-se que a escola adquira «uma nova centralidade», tornando-se um lugar de desenvolvimento da capacidade de discernimento, de pensamento crítico e de ação responsável. Duas, em particular, são as sugestões neste âmbito: facilitar as ligações casa-escola-paróquia e lançar projetos de formação para a «cidadania ecológica», ou seja, difundir entre os jovens «um novo modelo



de relações» que vá além do individualismo em prol da solidariedade, da responsabilidade e do cuidado.

E, neste campo educativo, a universidade também está envolvida: a sua tripla missão de ensino, investigação e serviço à sociedade deve englobar a ecologia integral, incentivando os estudantes a enveredarem por «profissões que facilitem uma mudança ambiental positiva». Por isso, a sugestão específica de «estudar a teologia da criação, na relação do ser humano com o mundo», na consciência de que cuidar da Criação requer «uma educação permanente», um verdadeiro «pacto educativo» entre todos os organismos envolvidos.

O documento reafirma também que «o compromisso de cuidar da casa comum é parte integrante da vida cristã», e não uma opção secundária. Mas não é tudo: o cuidado da casa comum é também «um excelente espaço» de diálogo e colaboração ecumênica e inter-religiosa, pois com a sua «sabedoria» as religiões podem incentivar um estilo de vida «contemplativo e sóbrio» que vise «superar a deterioração do Planeta».

A primeira parte do documento conclui-se com um capítulo dedicado à comunicação e à sua «profunda analogia» com os cuidados da casa comum: ambas, de facto, se baseiam em «comunhão, relação e ligação». Assim, no contexto de uma «ecologia da mídia», os meios de comunicação social são instados a realçar as ligações entre «o destino humano e o ambiente natural», capacitando os cidadãos e contrastando as chamadas notícias falsas.

A segunda parte do documento abre com o tema da alimentação e a referência às palavras do Papa Francisco sobre o desperdício: «a comida que se desperdiça é como se fosse roubada da mesa do pobre» (Ls, 50). Aqui está, portanto, a condenação do desperdício alimentar como uma injustiça, o apelo à promoção de uma agricultura «diversificada e sustentável», em defesa dos pequenos produtores e dos recursos naturais, e a necessidade urgente de uma educação alimentar saudável, tanto em quantidade como em qualidade. Há também um forte apelo a contrastar fenómenos como a apropriação de terras, grandes projetos agroindustriais poluentes, e à proteção da biodiversidade.

Os ecos deste apelo encontram-se também no capítulo dedicado à

água, cujo acesso deve ser considerado «um direito humano fundamental». Também aqui se exorta a evitar o desperdício e superar critérios utilitaristas que conduzem à privatização deste bem natural. A seguir vem o apelo à redução da poluição, à descarbonização do sector energético e económico e ao investimento em energia «limpa e renovável», acessível a todos. Também os mares e oceanos estão no centro da ecologia integral: «os pulmões azuis do planeta», exigem uma governação centrada no bem comum de toda a família humana e na subsidiariedade.

O texto salienta ainda a urgência de promover uma «economia circular» que não vise a sobre-exploração dos recursos produtivos, mas a sua manutenção a longo prazo, para que possam ser reutilizados. É necessário superar o conceito de «rejeição», porque tudo tem um valor, lemos no texto. Mas isto só será possível através da interação entre inovação tecnológica, investimento em infraestruturas sustentáveis e crescimento da produtividade dos recursos.

O sector privado é chamado a operar de forma transparente na corrente de abastecimento e é auspiciada a reforma de subsídios para os combustíveis fósseis e a tributação das emissões de Co<sub>2</sub>.

Assim, no âmbito do trabalho, espera-se a promoção de um desenvolvimento socioeconómico sustentável, a fim de erradicar a pobreza; são necessários percursos socioprofissionais a favor dos marginalizados; é necessário um trabalho digno, salários justos, a luta contra o trabalho infantil e o trabalho não declarado; espera-se uma economia inclusiva, na promoção do valor da família e da maternidade; é necessária a prevenção e erradicação de «novas formas de escravidão», como o tráfico de seres humanos.

O mundo financeiro deve também desempenhar o seu papel, visando a «primazia do bem comum» e procurando pôr fim à pobreza. «A própria pandemia da Covid-19 – lê-se no texto – mostra como se deve pôr em questão um sistema que reduz o bem-estar ou permite grandes especulações até nas calamidades, sempre em desvantagem dos mais pobres». Fechar paraísos fiscais, sancionar as instituições financeiras envolvidas em operações ilegais, colmatar o fosso entre os que têm acesso ao crédito e os que não têm, estão entre

as sugestões feitas, juntamente com a exortação a promover «uma gestão dos bens da Igreja inspirada na transparência, coerência e coragem» numa perspectiva de sustentabilidade integral.

Em relação às instituições, o documento sublinha a «primazia da sociedade civil», ao serviço da qual a política, os governos e as administrações devem estar. Apela a uma globalização da democracia substantiva, social e participativa, a uma visão a longo prazo baseada na justiça e na moralidade e à luta contra a corrupção. Nesta perspectiva, será importante promover o acesso à justiça para todos, incluindo os pobres, os marginalizados, os excluídos; «repensar prudentemente» o sistema carcerário para promover a reabilitação dos presos, especialmente dos jovens condenados pela primeira vez.

O texto insiste então na saúde, definindo «uma questão de equidade e justiça social» e reafirmando a importância do direito aos cuidados. «Ao mesmo tempo que as redes ecológicas se degradam, as redes sociais também se degradam e em ambos os casos são os mais pobres que pagam as consequências». As sugestões incluem o exame dos perigos associados à «rápida propagação de epidemias virais e bacterianas» e a promoção de cuidados paliativos. Por fim, o documento aborda a questão climática, consciente de que tem «uma profunda “relevância” ambiental, ética, económica, política e social que incide principalmente sobre os mais pobres». Em primeiro lugar, precisamos de «um novo modelo de desenvolvimento» que ligue sinergicamente a luta contra as alterações climáticas e a luta contra a pobreza, «em harmonia com a Doutrina Social da Igreja». Consciente de que «não podemos agir sozinhos», o documento apela a um compromisso de desenvolvimento sustentável «com baixas emissões de carbono» para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa. Entre as propostas apresentadas neste âmbito, a reflorestação de áreas como a Amazónia e o apoio ao processo internacional destinado a definir a categoria de «refugiado climático» para assegurar a «necessária tutela jurídica e humanitária» destas pessoas.

O último capítulo é dedicado ao compromisso do Estado da Cidade do Vaticano, onde existem quatro áreas operacionais em que se aplicam as indicações da *Laudato si'*: a tutela do ambiente (com a recolha separada de resíduos iniciada em todos os escritórios) e dos recursos hídricos (por exemplo, com circuitos fechados para a água das fontes), o cuidado das áreas verdes (com a redução progressiva dos produtos fitossanitários nocivos) e a redução do consumo e dos custos energéticos (em 2008, foi instalado um sistema fotovoltaico no telhado da Sala Nervi, enquanto os novos sistemas de iluminação economizadores de energia na Capela Sistina, na Praça de São Pedro e na Basílica do Vaticano reduziram os custos respetivamente de 60, 70 e 80%).

Dez anos após a morte do autor de "Ensaio sobre a cegueira"

# Saramago e a miopia do mal

SÉRGIO SUCHODOLAK

N o seu discurso por ocasião da atribuição do prêmio Nobel de literatura (1998), o escritor e dramaturgo José Saramago quis prestar uma homenagem deveras carinhosa ao seu avô materno, «o homem mais sábio que já conheci, embora não soubesse ler nem escrever». Com ele, recordava ainda o romancista português, nas noites quentes de verão, algumas vezes «cu dormia debaixo de uma grande figueira e entre os ramos altos da árvore, uma estrela aparecia-me, e depois, lentamente,

escondia-se por trás de uma folha». Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias que o embalavam suavemente. «Um dia tinha de chegar em que contaria estas coisas. Nada disto tem importância, a não ser para mim», dizia ele, interrogando-se a que melhor «árvore» se poderia encostar.

A entrega do Nobel coincidiu com as celebrações planetárias do cinquentenário da Declaração dos direitos do homem; obviamente, o escritor aproveitou a oportunidade para recordar que «as injustiças ainda se multiplicam, as desigualdades se

agravam, a ignorância cresce, a miséria se alastra» no mundo. Com efeito, a denúncia da opressão e da iniquidade que corrompem o espírito humano distinguem grande parte da sua vasta produção, na qual ele frisa frequentemente que se perdeu o sentido de solidariedade e que esta perda levou à sociedade contemporânea e as suas estruturas de poder a tornar-se profundamente míopes. Como se lê na motivação do Nobel, graças «a parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia, o autor torna constantemente compreensível uma realidade fugidiva».

O intenso romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995) é um válido exemplo disto. Nesta obra, o escritor faz uma análise lúcida da natureza humana, descrevendo o modo como, de forma inesperada e misteriosa, um automobilista parado diante do semáforo vermelho de repente fica cego, o "paciente zero" daquela que em breve tempo se tornaria uma verdadeira epidemia, atingindo indiscriminadamente todos os habitantes de um lugar não bem determinado, com a exceção de uma única pessoa, identificada simplesmente como «a mulher do médico» (na verdade, nesta história nenhum dos personagens tem nome próprio), e provocando um cenário apocalíptico.

Com efeito, o tema central por detrás dos acontecimentos absurdos e inexplicáveis desta história é o da indiferença e do egoísmo que, com a difusão da pandemia, se tornam cada vez mais evidentes, e que o autor denuncia com veemência, como dura crítica à sociedade em geral e, em particular, a esta comunidade urbana específica, na qual a cegueira "branca" - assim chamada porque quantos são atingidos ficam como que envolvidos por um mar de leite - consegue deturpar as leis mais elementares da vida comunitária, revelando o pior que se aninha na alma humana.

Aliás, revendo a natureza da desordem que se veio a criar com o surto da doença, que afetou a população de forma tão indiscriminada e insensata, questiona-se se porventura ela não estava presente já antes que a cegueira tivesse obscurecido os olhos das pessoas, se foi a repentina escurecida que criou o caos, ou se ele se tornou "visível" precisamente por causa da cegueira.

Levando a resignada protagonista feminina a dizer: «Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que vemos. Cegos que, vendo, não vemos», o autor convida o leitor à consciência e à responsabilidade de ver, enquanto muitos, infelizmente, perderam esta capacidade. Perante o egoísmo exasperado, interroga-se perplexo se todos nós devemos ser cegos para ver o outro.

Quando os personagens da história são abandonados à própria sorte,

trancados num hospício onde os recursos são praticamente inexistentes, as regras sociais básicas, aprendidas ao longo do percurso da vida, esmaecem de repente. E o espaço desmoldado à sua criatividade, teoricamente ideal para conceber uma nova forma de comunidade mais solidária, transforma-se pouco a pouco, revelando ao contrário os impulsos mais primitivos do ser humano. Em pouco tempo, a única lei será a do mais forte sobre o mais fraco, em que poucos tornam impossível a vida da maioria, desanimada e indefesa. Um mundo do qual a solidariedade é completamente banida, onde o homem chega a anular a própria evolução biológica, cultural e comunitária. Nas garas do medo do outro, somente à luta pela sobrevivência parece mantê-lo vivo.

Partidário convicto do pessimismo antropológico, mas profundo conhecedor do espírito humano, o autor afirma «que nós não somos bons, e é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso», se quisermos aspirar ao restabelecimento, e que a nossa reação em situações de impotência e abandono pode tornar-se impiedosa e perder qualquer sombra de objetividade, levando-nos ao verdadeiro desprezo pelo outro.

No final do período de confinamento, quando a mulher do médico deixa o lazareto (onde tinha entrado fingindo ser cega para salvar o marido) e enfrenta o seu destino, compreende que tudo o que aconteceu não melhorou minimamente a espécie humana. Pelo contrário, o mundo dos cegos tristemente abriu o caminho para o mundo dos bárbaros.

Entrando numa igreja, depara-se com um cenário que a deixa indignada. Todos os Santos estão vendados, e até Cristo na cruz, como se se quisesse afirmar que o próprio Deus já não merece ver: «Se os céus não vemos, que ninguém veja». Na verdade, é o homem que, sentindo-se abandonado ao seu trágico destino, não quer ser visto e culpa Aquê que, na sua opinião, não foi capaz de o salvar.

Não obstante a sua visão distópica do mundo, esta história pode fazer-nos refletir sobre os comportamentos humanos, especialmente nos momentos mais complexos e imprevisíveis da vida, se não quisermos mergulhar no absurdo. Ainda se pode esperar que para as trevas da razão haja um remédio eficaz, ou seja, o da compaixão. Um antídoto seguro contra a indiferença, o único que nos pode levar da cegueira e dureza de coração ao respeito pelo outro, matéria-prima fundamental para a construção da civilização do amor. Talvez semelhante àquela que povoava os sonhos do autor que, quando era criança, admirava feliz com o seu avô debaixo de uma grande figueira.

# A palavra como reflexo do divino

Um vocabulário do Papa Francisco

BARTOLOMEU

É com grande alegria que nos unimos a esta maravilhosa "antologia", palavra grega que indica uma fascinante seleção de reflexos estimulantes, uma coléctanea de interessantes contribuições inerentes a um dos mais eminentes chefes religiosos.

O presente volume reúne reflexões sobre as palavras-chave da mensagem e do ministério do nosso amado irmão, o Papa Francisco. Todavia, as palavras são muito mais do que simples comentários, muito mais importantes do que frases comuns. As palavras são expressão intrínseca da vida, o nosso reflexo mais íntimo da divindade, a própria identidade de Deus: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus» (Jo 1, 1).

Com efeito, deveremos prestar contas de cada palavra que sai dos nossos lábios (cf. Mt 12, 36). As palavras podem salvar ou destruir (cf. Pr 12, 6), revelar-se produtivas ou destruidoras (cf. Pr 8, 21), gerar benevolência e edificação (cf. Ef 4, 29), ou amargura e maldição (cf. Rm 3, 14). Acima de tudo, deveríamos estar «sempre prontos a responder a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa esperança» (1 Pt 3, 15).

Durante os encontros e as reflexões com o nosso irmão, o Bispo de Roma, experimentamos a profunda sacralidade das palavras. Recordamos e estamos conscientes de que as palavras são capazes de construir pontes, mas também muros. Portanto, juntos, procuramos promover um diálogo de amor e de verdade, «agindo segundo a verdade na caridade» (Ef 4, 15).

Naturalmente, as palavras podem expressar e descrever as emoções humanas, mas nunca poderão narrar de modo exaustivo nem definir adequadamente o coração humano. No entanto, podem revelar vislumbres no mundo de outro ser humano, dar voz aos seus interesses

ou às suas preocupações. Se prestarmos atenção a quão frequentemente repetimos determinadas palavras ou ao modo como as pronunciamos, descobriremos as tendências e as paixões que dão forma à nossa própria vida.

Por isso, não nos surpreendeu muito descobrir que os termos selecionados neste volume são aqueles que distinguem e evocam os princípios fundamentais que o Papa Francisco privilegia e fez seus:

– O seu ministério é inteiramente dedicado a Jesus e à Igreja como Corpo de Cristo, ao mesmo tempo que continua a salientar os abusos clericais e encoraja uma maior responsabilização;

– Esforça-se por relacionar os sacramentos da Igreja com a vida concreta do mundo, desde o batismo até às lágrimas;

– Na Igreja como instituição, deseja menos clericalismo e mais colegialidade, embora continue a admoestar contra a indiferença e a apoiar o discernimento;

– Nas relações entre a sua Igreja e os outros, promove o diálogo e o ecumenismo, o encontro e o abraço;

– Na comunidade global, desenvolve a complexa ligação entre capitalismo e criação, perseguição e refugiados;

– Preocupa-se com a família, as mulheres, as crianças e os avós.

Mas, acima de todos os aspetos, o que impressiona são as suas virtudes específicas, que definem a sua mensagem e dela dão testemunho:

- dignidade e justiça,
- misericórdia e esperança,
- mas, sobretudo, amor e alegria.

Este livro transcende as meras palavras. É um maravilhoso mosaico de elementos coloridos e cativantes, que revelam o homem misericordioso e compassivo que conhecemos como Papa Francisco.



## De "Batismo" a "Esperança"

Vai da letra "b" de "Battesimo" à letra "s" de "Speranza" o itinerário através das palavras-chave da mensagem e ministério do Pontífice, proposto no livro *Francescamente parlando. Un vocabolario di Papa Francesco*, "Francescamente falando. Um vocabulário do Papa Francisco" (Cidade do Vaticano, Libreria editrice vaticana, 2020, 392 páginas), editado por Joshua J. McElwee e Cindy Woodlen. Publicamos o prefácio do patriarca ecumênico de Constantinopla e a introdução do cardeal arcebispo de Boston.

## Jesuíta e franciscano

SEAN O'MALLEY

Sempre gostei da piada sobre jesuítas e franciscanos que certo dia, andando pela rua, de repente sei abordados por um jovem que lhes pergunta: «Irmãos, poderia dizer-me qual novena eu deveria recitar para obter um BMW?». O franciscano responde: «O que é um BMW?». E o jesuíta: «O que é uma novena?».

Agora temos um Papa que escapa a estas categorias, reunido numa única figura tanto o jesuíta como o franciscano. Acho que o Papa Francisco é o jesuíta inacionário por excelência. Abraçou a vocação de ser um seguidor de Inácio, que quer ser um Santo como São Francisco. O nosso Papa é completamente jesuíta, inacionário na sua totalidade, e fascinado por São Francisco. Durante o seu primeiro ano de pontificado, numa entrevista a «La Civiltà Cattolica», o padre Antonio Spadaro perguntou-lhe por que se tornou jesuíta. O Papa respondeu que o tinham atraído três aspetos desta ordem: o espírito missionário, a comunidade e a disciplina, incluindo o modo como gerem o tempo.

É evidente que o Papa Francisco possui estas características em abundância. Vive a sua vocação de jesuíta com intenso zelo missionário, não a comunidade — que é comunidade em missão

— e com disciplina, na qual nada é desperdiçado, especialmente o tempo.

Pouco antes da sua ordenação, com trinta e dois anos, Jorge Bergoglio escreveu um breve credo, e disse que ainda hoje conserva aquele documento ao seu alcance, como lembrança das suas convicções fundamentais. Trata-se de um sinal claro do seu hábito de introspeção, tão profundamente enraizado na formação jesuíta.

O Papa Francisco dedica-se à introspeção, central na espiritualidade própria desta ordem. A prática do *examen* a emprender individualmente, onde e todas as vezes que as circunstâncias o permitam, era o modo como Inácio propunha manter os jesuítas congregados em Deus, para preservar a sua concentração, não obstante o estilo de vida ativo. O Santo Padre comentou esta atenção espiritual no seu discurso aos bispos brasileiros, durante a Jornada mundial da juventude de 2013, perguntando: «Se não formarmos ministros capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogar com as suas ilusões e desilusões, de recompor as suas desintegra-

ções, o que poderemos esperar para o caminho presente e futuro?».

O Papa Francisco lembra-nos que no coração de Deus há um lugar especial para os pobres. Com efeito, é muito eloquente na sua defesa dos mais necessitados, e recorda-nos que temos o dever de os ajudar através de programas de promoção e assistência, mas também trabalhando para erradicar as causas estruturais da pobreza. Na *Evangelii gaudium*, o Santo Padre lança um dos seus apelos mais apaixonados a favor dos pobres, ressaltando a importância de lhes prestar assistência pessoal: «Desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma concentração, não obstante o estilo de vida ativo. O Santo Padre comentou esta atenção espiritual no seu discurso aos bispos brasileiros, durante a Jornada mundial da juventude de 2013, perguntando: «Se não formarmos ministros capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogar com as suas ilusões e desilusões, de recompor as suas desintegra-

ções, o que poderemos esperar para o caminho presente e futuro?».

O Papa Francisco lembra-nos que no coração de Deus há um lugar especial para os pobres. Com efeito, é muito eloquente na sua defesa dos mais necessitados, e recorda-nos que temos o dever de os ajudar através de programas de promoção e assistência, mas também trabalhando para erradicar as causas estruturais da pobreza. Na *Evangelii gaudium*, o Santo Padre lança um dos seus apelos mais apaixonados a favor dos pobres, ressaltando a importância de lhes prestar assistência pessoal: «Desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma concentração, não obstante o estilo de vida ativo. O Santo Padre comentou esta atenção espiritual no seu discurso aos bispos brasileiros, durante a Jornada mundial da juventude de 2013, perguntando: «Se não formarmos ministros capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogar com as suas ilusões e desilusões, de recompor as suas desintegra-

Afirmou também que o catolicismo não é um "elenco de proibições". Exortou-nos a ser positivos, a exaltar o que nos une e não o que nos divide, a privilegiar a ligação entre as pessoas e o caminho partilhado, observando que se nos concentrarmos nos aspetos que nos unem, depois será mais fácil ultrapassar as diferenças. O Santo Padre sugere também que todas as formas de catequese sigam o "caminho da beleza", mostrando aos outros que seguir Cristo não é apenas bom e justo, mas também belo, algo capaz de encher a vida de novo esplendor e profunda alegria, até no meio das dificuldades.

O Papa Francisco compreende que as palavras que usamos para falar do povo de Deus e da obra da Igreja são de grande importância e muitas vezes podem fazer a diferença entre estar aberto a uma maior escuta e ter em consideração uma vida de fé, ou afastar-se, sentindo-se excluído, rejeitado ou marginalizado como indigno. Partindo da reflexão espiritual de que todos os nossos dons, talentos e conquistas são dadas de Deus, o Santo Padre ofereceu um vocabulário que abraçamos atenção, solicitude, inclusão e serviço. Com a ajuda de Deus e com o apoio recíproco, podemos valorizar estes ensinamentos e continuar a nossa caminhada como discípulos missionários por Cristo.



Um mural dedicado a Saramago em Lisboa

## Por detrás dos acontecimentos mais díspares

Nascido na pequena aldeia de Azinhaga, em Portugal, a 16 de novembro de 1922, José Saramago faleceu nas Ilhas Canárias, no dia 18 de junho de há dez anos. Inicialmente dedicou-se à atividade de tradutor e de crítico literário, publicando uma coleção de poemas e vários textos teatrais, romances e contos. A apreciação da crítica chegou em 1982, com *Memorial do convento* e, sucessivamente, com *O ano da morte de Ricardo Reis*, mas o verdadeiro sucesso internacional veio aproximadamente uma década mais tarde, com o controverso *Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a cegueira*, que em 1998 lhe valeram o prêmio Nobel da literatura. José Saramago continuou a escrever até aos últimos anos de vida, assinando obras de grande relevância, como *Todos os nomes*, *As intermitências da morte* e *Caim*, seu último romance. Não obstante o pessimismo de que muitas das suas obras estão imbuídas, prestando-se a vários níveis de leitura, no décimo aniversário da sua morte preferimos recordá-lo como um autor que, no entanto, procurou destacar o fator humano que se esconde por detrás dos acontecimentos mais díspares. Para Saramago não existem heróis, mas unicamente homens, com as suas virtudes e os seus defeitos, no fundo simples porta-vozes da raça humana, dignos de uma compaixão que no *Ensaio sobre a cegueira* é bem expressa com as seguintes palavras: «Ser um fantasma deve ser isto, ter a certeza de que a vida existe, porque quatro sentidos o dizem, e não a poder ver». (Sérgio suchodolak)



# Pároco global

## Os efeitos da pandemia na vida das comunidades católicas no mundo

ROBERTO CETERA

A nossa viagem sobre os efeitos da Covid na vida da Igreja continua além das fronteiras italianas, procurando saber não só como os cristãos viveram o tempo da pandemia, mas também se algo, no modo de rezar e de ser comunidade, mudou e se a mudança irá persistir no futuro. Se os dois artigos anteriores já nos mostraram algumas tendências sobre as quais refletir, as coisas complicam-se bastante quando se atravessa as fronteiras italianas. Porque não devemos esquecer que o tempo da propagação do vírus é diferente, e na Itália, infelizmente, começou antes em relação a muitos outros países.

Muitas das situações que interpellamos nesta rápida volta ao mundo ainda estão no meio da tempestade, com as igrejas fechadas para as celebrações eucarísticas. Começando com a situação explosiva na América do Sul. O padre Cristián Borgoño é o simpático pároco de Jesus Mestre Divino, uma vasta comunidade de trinta mil habitantes em Santiago do Chile: «Aqui os contágios e as mortes continuam a crescer, e não há sinais de diminuição. Trata-se de uma situação epidémica bastante diferente da italiana. No sentido em que não se atinge os mesmos picos dramáticos, mas existe, como dizem os cientistas, um planalto do qual se descerá muito lentamente. Isto significa um tempo muito mais longo para o regresso à normalidade. As igrejas estão fechadas para as liturgias desde 15 de março, mas, realisticamente, ainda estarão fechadas pelo menos por mais dois meses. Provavelmente esta situação específica deve-se ao facto de o lockdown não ser tão rígido como o vosso: há muito trabalho precário e não regulamentado que obriga muitas pessoas a sair de casa de qualquer maneira para se sustentarem financeiramente. Ainda há – recordou – quem venha à igreja para rezar, mas começámos imediatamente a transmitir missa e catequese na nossa web TV, que é muito popular».

Para a transmissão da missa é seguido um método interativo: quem se conecta pode recitar as leituras, a oração dos fiéis, cantar os salmos e os hinos; desta forma reduz-se o risco de passividade e de distração. «Mudanças?», pergunta-se o padre Cristián. «Pois bem, noto duas coisas: as pessoas reorganizaram certamente as prioridades da sua vida e estão a experimentar oportunidades e aspetos críticos da vida em comum. Aos meus paroquianos casados eu disse em tom de brincadeira: «Coragem. Chegareis primeiro às bodas de prata, porque um mês de coabituação forçada durante a quarentena vale um ano de casamento». Para nós, sacerdotes, digo a verdade, é difícil. Aqui não é como na Europa, as vocações são escassas, e por isso muitos párocos vivem sozinhos. E três meses de solidão são difíceis. Mesmo se os bispos estejam próximos de nós e nos telefonem frequentemente».

No Brasil, a situação, como se sabe, é muito mais grave. Antonella Grinover, católica, mãe de nove filhos em São Paulo, diz-nos: «Para além do sofrimento da doença aqui, a situação está a explodir do ponto de vista social. A pandemia juntou-se a uma crise económica grave pré-existente. Aqueles que antes viviam à margem da sociedade estão agora abandonados a si próprios. Nem sequer podem pedir esmolas. A Cáritas faz o que pode, mas os necessitados são muitos e os recursos poucos. Do ponto de vista religioso, a única coisa que vejo agora é a grande difusão de mensagens apocalípticas e uma leitura da pandemia como castigo divino por parte das seitas evangélicas que aqui são muitas, coisas estranhas que, por vezes, conquistam até os setores menos cultos dos católicos. Tendências que os nossos pas-

bilidades dispo de uma segunda casa, deixou Nova Iorque, indo para a Florida, por exemplo, para voltar no final do verão. Na minha paróquia há muitos imigrantes, italianos, brasileiros e filipinos, que são os que estão a pagar o preço social mais elevado desta situação, com a perda de todas as fontes de rendimento. Nos primeiros dias de julho, espero que também nós possamos entrar na fase 2 – o governador Cuomo indicou quatro fases – na qual as celebrações litúrgicas serão gradualmente retomadas». Duas coisas, segundo Plodari, permanecerão certamente no tempo: «A dupla via de um ministério pastoral presencial e online e, sobretudo, o forte espírito de solidariedade que esta tragédia suscitou. Para nós, sacerdotes, houve um bonito regresso a uma vida intensa de fraternidade. E para mim foi um

razão, em primeiro lugar, com a sua proteção. É demasiado cedo para dizer de que modo a Igreja mudará, mas creio que estes meses trouxeram à luz dois pontos sensíveis sobre os quais devemos refletir em abundância: o papel da mulher na Igreja e a relação entre leigos e sacerdotes. Mulheres e leigos, empenhados no trabalho pastoral e na caridade, têm sido a espinha dorsal da Igreja nesta turbulência».

Mais uma faixa de mar e em Londres batemos à porta de Jonathan Boardman, um sacerdote anglicano muito ecuménico que, em Roma, a 26 de fevereiro de 2017, recebeu o Papa Francisco na igreja de All Saints. Pároco de Saint Paul, no bairro populoso de Clapham, explicou que «os lugares de rito de todas as religiões estão sujeitos às mesmas restrições dadas pelo governo». Por outras palavras, só o celebrante e um ministro podem participar nos ritos. Ao contrário de nós, anglicanos, as paróquias católicas equiparam-se imediatamente para a transmissão de missas online. O nosso primaz Justin Welby deu-nos indicações diferentes, um pouco por relutância em admitir o princípio de uma Eucaristia sem comunidade mas sobretudo por solidariedade para com outras expressões religiosas. No entanto, ao longo do período houve uma consulta mútua constante com o primaz católico, cardeal Vincent Gerard Nichols. Na próxima segunda-feira, as igrejas serão reabertas pelo menos para a oração individual. Celebrei online apenas na Páscoa e no Pentecostes, e no final da missa – revelou – entreguei as partículas consagradas dentro de um saquinho a cada fiel que se tinha apresentado à porta da reitoria. Liguei-me frequentemente com os nossos fiéis para as laudes, as vésperas e as completas, que foram muito seguidas. Em média, os contactos online eram três vezes mais numerosos do que as pessoas que habitualmente vão à igreja aos domingos, e temos de apreciar e refletir sobre isto. Há muitas pessoas novas a chegar, porque este foi um momento para repensarem toda a sua vida, o seu verdadeiro significado e qual é realmente a prioridade. Permanecer em casa numa cidade cheia de trabalhadores suburbanos fez renascer a sensação de pertença ao lugar onde se vive e, portanto, à própria paróquia. A situação social é bastante grave. E receio, concluiu, que neste sentido o pior ainda vai chegar no outono: confio tanto no sentido da solidariedade recíproca que muitos testemunharam nas últimas semanas».

Na França, a intervenção do Estado na esfera das atividades religiosas, em nome da laicidade, não é novidade. O padre Gaetano Saracino, que regressou recentemente de Paris, afirmou que «esta relação particular despertou, contudo, ao longo do tempo, uma experiência de fé que, se por um lado não é muito visível com gestos exteriores, por outro, se estendeu com formas mais maduras, profundas e conscientes». De que

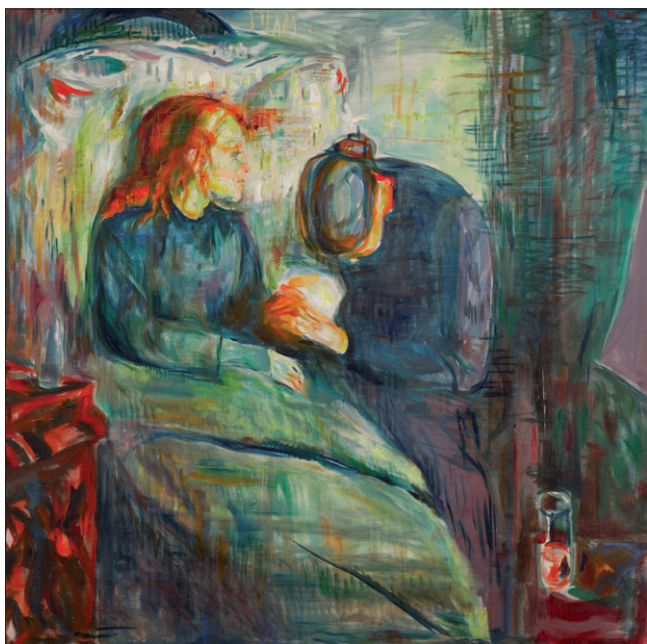


tores, por causa das restrições, têm dificuldade de contrastar».

Subimos o continente e chegamos aos Estados Unidos, a Nova Iorque. Em Manhattan, na paróquia dedicada a Nossa Senhora de Pompeia, encontramos o padre Angelo Plodari, que é também o superior dos scabrinianos da América do Norte. «Apesar de termos vivido os acontecimentos italianos através da televisão e de termos uma certa vantagem temporal, chegámos muitas vezes impreparados a este ciclone. Acima de tudo – salientou –, não imaginávamos que teria sido tão violento aqui. Começámos imediatamente pelas liturgias e pelo trabalho pastoral online, o que é muito difícil com os idosos que não têm familiaridade com a tecnologia. Com eles seguimos então o método mais prático de levar o boletim paroquial e os subsídios à oração doméstica, juntamente com as compras para os idosos que vivem sozinhos. Quem tinha possi-

grande conforto receber duas vezes o telefonema do cardeal Dolan que contactou todos os seus párocos».

Voamos sobre o Atlântico, até à fronteira do continente europeu, Dublin, onde nos falou da pandemia que enfrentou junto com os católicos da Irlanda, a irmã Kitty, uma religiosa muito ativa das Infant Jesus Sisters, comprometida no trabalho social. A irmã Kitty começou a falar com uma voz quebrada pela emoção, pois perdeu quatro irmãs vítimas da Covid-19 em Cork: «Esperamos reabrir as igrejas, depois de vários adiamentos, com a solenidade de 29 de junho. É claro que foi muito difícil, e continua a ser. Do ponto de vista social é um desastre, a pobreza tem crescido tanto. As missas e a catequese online têm tido grande sucesso. Mas o problema é que o nosso clero, em média, é bastante idoso, não está habituado a utilizar os novos meios de comunicação social e preocupa-se bastante, e com



Edvard Munch  
«A criança doente» (1885-1886)

mancira? «Para começar, com os boletins informativos, que não são meros boletins paroquiais, mas verdadeiras revistas com perspectivas temáticas, teológicas ou sociais. Muito forte é também a presença cultural, com conferências e concertos, por exemplo, que durante o lockdown foi transmitida através da Kto, televisão do episcopado francês. E depois, certamente, orações e missas online. O “jejum eucarístico” pesou certamente entre os fiéis, mas a tendência, sempre presente, para refletir e tematizar transformou uma negatividade numa oportunidade de reavaliar a prática eucarística fora da repetibilidade. E depois, obviamente, solidariedade caritativa, que atingiu picos inesperados.

Também neste caso, a igreja de Saint-Bernard, agora conhecida como “Sainte-Marie des sans-papier”, acolheu muitos imigrantes, pobres e desalojados, privados até de esmolas. Penso que a sensação generalizada de fragilidade alimentou na França secular a ideia de que o homem pode ser habitado por um desejo que não é apenas o de identidade ou materialidade».

A última consideração, que não é muito diferente das outras, foi recolhida na Suíça, no cantão de Argóvia, onde encontramos padre Roland Häfliger, pároco da Igreja do Sagrado Coração de Lenzburg, juntamente com o missionário para os imigrantes italianos, padre Luigi Tallarico. «Começamos de novo a celebrar missa no Pentecostes. Aqui não houve um lockdown tão severo como na Itália, mas agora as medidas para voltar a celebrar são muito restritivas: praticamente apenas 25% dos lugares podem ser ocupados, o que significa cerca de oitenta nas grandes igrejas, mas apenas cerca de dez nas menores, com a obrigação de reservar. As indicações dadas pelo governo federal foram depois interpretadas de várias maneiras pelos conselhos pastorais, que no sistema dual suíço têm sempre a última palavra em matéria religiosa. Durante este período desenvolvemos um trabalho pastoral porta-a-porta em versão digital, escrevendo e telefonando à

maioria dos nossos paroquianos, especialmente aos mais frágeis, idosos e pobres. Distribuímos muitos bônus para os supermercados da região, porque apesar do elevado nível de bem-estar dos suíços, o desconforto social fazia-se sentir».

O padre Ewald Volgger é um teólogo que ensina liturgia em Linz, no norte da Áustria. «No nosso país não houve muito sucesso com as missas online, porque o nosso clero é bastante idoso e muitos padres ficaram em casa por medo de contágio. Por outro lado, todos os cristãos deste Estado são bastante idosos, num país que é hoje muito secularizado. Não me parece que tem muitos problemas existenciais, mas sobretudo preocupações económicas. As missas do cardeal Schönborn transmitidas pela televisão, ao contrário, foram muito seguidas. Tenho duas preocupações: que durante muito tempo poucas pessoas voltarão à igreja, e a impressão de que as pessoas não aprenderam a rezar em casa. Trabalhar sobre os jovens e reeducá-los para a oração são as nossas prioridades pastorais».

Subimos para norte e atravessamos a região do Sudetas até chegar a Breslavia, onde encontramos o padre Zacheusz Drażek. «Na Polónia, embora com muitas precauções, retomamos a missa há duas semanas. Na realidade, aqui na nossa diocese, as indicações gerais da conferência episcopal são firmes, as decisões práticas foram tomadas pelos bispos individualmente, portanto a situação é diferente em cada diocese. Na nossa paróquia franciscana temos trabalhado muito online, e a tradicional devoção mariana dos polacos tem sido expressa numa interminável corrente de rosários. Por outro lado, a prática da oração doméstica, especialmente entre os idosos, nunca faltou. No início havia tanto medo, até algumas almas mais simples temiam o fim do mundo. Procurámos acompanhar todos, espiritual, material e psicologicamente. Estamos conscientes de que nos espera uma dura retomada no outono, com tanto para reconstruir a nível pastoral: será ne-

cessária muita energia, mas também muita criatividade».

Mais uma vez, olhamos para fora da Europa indo a Israel. O padre Bruno Varriale é o guardião do santuário da Anunciação em Nazaré. Mas é também psicólogo e psicoterapeuta que sabe bem como a pandemia atingiu a alma e o espírito das pessoas. «Em ambos os níveis, psicológico e espiritual, temos trabalhado muito sobre o tema da dor. Tanto os meus confrades como a população cristã de Nazaré sentiram o peso da descoberta repentina da fragilidade do nosso ser. Sou muito positivo, porque acredito que muitos receios foram superados precisamente através de um crescimento espiritual decisivo, a começar pela consciência da própria criaturalidade. Com uma piada: no final, a vacina do corpo está no espírito. Conseguimos ser uma referência para muitos. Temos de continuar a trabalhar nesse sentido: concordo plenamente com as palavras pronunciadas pelo Papa no Domingo de Pentecostes sobre a necessidade de não perdermos este tempo, que pode ser lido como um tempo de Graça, uma longa Quaresma de que precisávamos. Deus não perturba a felicidade dos seus filhos, mas Ele prepara-nos sempre para uma alegria já grande. Como psicólogo, reelaborei muito neste tempo Viktor Frankl: é na diminuição, no sofrimento, na dor que o homem redescobre a essência e o verdadeiro significado da sua existência. A humanidade da Encarnação, que aqui em Nazaré foi realizada, de Jesus que chora Lázaro, que chora por Jerusalém, que experimenta o medo no Getsémani, são as imagens poderosas que nos permitiram elaborar um mal, que Deus conhece bem porque Ele o partilhou».

Terminamos a nossa viagem regressando ao coração da Europa, Luxemburgo, onde procuramos uma síntese com o cardeal Jean-Claude Hollerich, que é também presidente da Comissão das conferências episcopais da Comunidade Europeia (Comcee). «Também eu fui forçado a ficar em quarentena por causa de um colaborador que adoeceu, e foi uma graça porque esta autolimitação me fez sentir mais solidário com o meu povo. Recomeçámos a missa em público na sexta-feira anterior ao Pentecostes, devo dizer, depois de uma minha contestação, porque o Governo nos tinha esquecido um pouco. Tivemos cento e dez mortes, que para um país muito pequeno como o nosso são muitas. Quase todos idosos e em lares para a terceira idade, o que não é uma atenuação, porque a falta de proteção dos idosos é negativa para a sociedade e para a Igreja. Os nossos sacerdotes têm sido muito bons e criativos, não só com as missas online, mas continuando a manter o contacto com todos os fiéis, através de telefonemas, Whatsapp e até com o envio inesperado de um bolo, juntamente com os subsídios litúrgicos. A pandemia coincidiu com as celebrações dos cento e cinquenta anos da nossa di-

cese: pudemos fazer apenas em streaming a última peregrinação ao santuário de Maria consoladora dos aflitos. Verifiquei um grande pedido de regresso às igrejas abertas, porque é natural que em momentos de grave dissolução como este as pessoas peçam para reafirmar a sua identidade através de um sentido de pertença mais forte».

O que irá ainda mudar? «Bem, entretanto poderia dizer-vos que, neste tempo, ficou bem clara a diferença entre aqueles que são cristãos na fé e os que o são por tradição cultural. Os primeiros, neste período, amadureceram mais na fé, os segundos, quer sejam conservadores quer liberais, saíram deste tempo muito mais fracos. Certamente que desta vez haverá uma aceleração forçada na renovação da Igreja, da qual, em união com o Papa Francisco, sentimos tanta necessidade. Sobretudo no que se refere à relação entre leigos e presbíteros. Além disso, a história ensina-nos que as grandes epidemias dos séculos passados produziram sempre grandes acelerações: em cinquenta anos amadureceram processos que, noutros tempos, teriam exigido trezentos. Acredito que a renovação da Igreja vai sofrer esta aceleração». O que acontecerá à Europa? «Houve pouca, muito pouca nesta vicissitude. A gestão das medidas reativas foi feita totalmente em dimensão nacional, não se trata apenas de uma questão de despreparo: não houve vontade alguma de ceder à soberania nacional. As fronteiras fechadas entre os países europeus têm sido um símbolo disto. Viver o aniversário da invasão do nosso país durante a segunda guerra mundial, quando voltámos a ver as fronteiras fechadas com a Alemanha, foi uma ferida. Devo dizer que se trata de uma crítica que é sobretudo autocrítica: ainda não existe uma dimensão europeia para a Igreja. No entanto, há uma grande necessidade disto. O organismo ao qual presido é certamente útil, mas não é suficiente. As Igrejas nacionais também reagiram à pandemia cada uma por sua conta. Congratulamo-nos com a recente proposta franco-alemã de solidariedade europeia em matéria de cuidados de saúde, mas nós, Igreja, devemos também ser capazes de desenvolver projetos de solidariedade comuns. Estou a pensar, por exemplo, no fosso económico entre os países do norte e os do sul da Europa, que receio venha a aumentar nos próximos meses: podemos superar unidos a pobreza. As igrejas nacionais devem aprender a ouvir-se mutuamente e a falar umas com as outras. Gostaria de focalizar um último aspeto. Também aqui, mesmo entre aqueles que não sabem italiano, a imagem e as palavras do Papa, nas missas de Santa Marta e nas celebrações da Páscoa, foram de grande apoio. O Pontífice fez-nos sentir uma única família além de todas as fronteiras, uma única paróquia. Ele é verdadeiramente o pároco global de uma Igreja que cresce e muda no mundo».



Mensagem de vídeo do Pontífice às Scholas Occurrentes no Dia mundial do meio ambiente

## Gratuidade, sentido e beleza são o futuro da humanidade

«Gratuidade, sentido e beleza»: eis as três palavras-chave indicadas pelo Papa Francisco aos milhares de jovens de 170 países do mundo inteiro que, com pais e professores, participaram no encontro online que teve lugar a 5 de junho, por ocasião do Dia mundial do meio ambiente.

Estimados irmãos e irmãs de Scholas!

Hoje, depois de todos estes anos em que compartilhamos a questão que nos anima, é uma grande alegria poder chamar-vos “comunidade”. Comunidade de amigos, comunidade de irmãos, comunidade de irmãs.

Ainda me recordo do início: dois mestres, dois professores, no meio de uma crise, com um pouco de loucura e um pouco de intuição. Algo não programado, vivido na medida em que avançava.

Enquanto naqueles tempos a crise deixava uma terra de violência, aquela educação reuniu os jovens, gerando sentido e, portanto, beleza.

Três imagens daquele caminho brotam no meu coração, três imagens que guiaram três anos de reflexão e de encontro: o louco de “A Estrada”, de Fellini; “A vocação de São Mateus”, de Caravaggio; e “O idiota”, de Dostoiévski.

O Sentido – o louco – a Vocação – Mateus – e a Beleza.

Os três episódios são a história de uma crise. E nos três, por conseguinte, está em jogo a responsabilidade humana. Originalmente, crise significa “rutura”, “corte”, “abertura”... “perigo”, mas também “oportunidade”.

Quando as raízes precisam de espaço para continuar a crescer, o vaso acaba por se romper.

A questão é que a vida é maior do que a nossa própria vida e, por conseguinte, rompe-se. Mas a vida é assim! Cresce, rompe-se.

Pobre humanidade sem crise! Tudo perfeito, tudo arrumado, tudo engomado. Pobrezinha! Pensemos nisso, uma humanidade assim seria doentia, muito doente. Graças a Deus isto não acontece. Ela seria uma humanidade adormecida.

Por outro lado, dado que a crise nos anima, chamando-nos à abertura, o perigo apresenta-se quando não nos ensinam a relacionar-nos com esta abertura. É por isso que as crises, sem um bom acompanhamento, são perigosas, porque podem desorientar. É o conselho dos sábios, até para as pequenas crises pessoais, matrimoniais e sociais, é: “Nunca entres na crise sozinho, mas acompanhando”.

Ali, na crise, o medo invade-nos, fechamo-nos como indivíduos, ou começamos a repetir o que convém para poucos, esvaziando-nos de sentido, escudando a própria chamada, perdendo a beleza. É isto que acontece quando se atravessa uma crise sozinho, sem reservas. Esta é a

beleza que, como dizia Dostoiévski, há de salvar o mundo!

Scholas nasceu de uma crise, mas não levantou os punhos para discutir com a cultura, não baixou os braços para se resignar, nem sequer saiu a chorar: que desgraça, que tempos terríveis! Saí para ouvir o coração dos jovens, para cultivar a nova realidade: “Isto não funciona? Vamos lá ver”.

Scholas olha através das fendas do mundo – não com a cabeça – com todo o seu corpo, para ver se da abertura nasce outra resposta.

E isto é educar. A educação escuta, ou não educa. Se não ouve, não educa. A educação cria cultura, ou não educa. A educação ensina-nos a celebrar, ou não educa.

Alguém poderia dizer-me: “Mas como, educar não significa saber as coisas?”. Não! Isso é saber. Mas educar é ouvir, criar cultura, celebrar.

Foi assim que Scholas cresceu. Nem sequer aqueles dois loucos – os pais fundadores, podemos dizê-los rindo – imaginavam que aquela

experiência educativa na diocese de Buenos Aires, após vinte anos, teria crescido como uma nova cultura, “habitando poeticamente esta terra”, como nos ensinou Hölderlin. Ouvindo, criando e celebrando a vida. Esta nova cultura, habitando poeticamente a terra.

Harmonizando a linguagem do pensamento com sentimentos e ações. Foi o que me ouvistes dizer várias vezes: linguagem da cabeça, do coração e das mãos, sincronizadas. Cabeça, coração e mãos que crescem harmoniosamente.

Em Scholas vi professores e estudantes japoneses a dançar com colombianos. É impossível? Vi isto. E jovens israelitas a jogar com palestinos. Vi isto. E estudantes do Haiti a pensar com aqueles de Dubai. E crianças de Moçambique a desenhar com as de Portugal... Vi, entre o Oriente e o Ocidente, uma oliveira que criava a Cultura do Encontro.

Por isso, nesta nova crise que a humanidade enfrenta hoje, onde a cultura demonstrou que perdeu a sua vitalidade, quero celebrar o facto de que Scholas, como comunidade

que educa, como uma intuição que cresce, abre as portas da Universidade do Sentido. Pois educar significa procurar o sentido da realidade. É ensinar a procurar o sentido da realidade.

Unindo o sonho das crianças e dos jovens com a experiência dos adultos e dos idosos. Este encontro deve verificar-se sempre, caso contrário não há humanidade, pois não há raízes, não há história, não há promessa, não há crescimento, não há profecia.

Estudantes de todas as realidades, línguas e crenças, porque ninguém é excluído quando o que se ensina não é uma coisa, mas a Vida. A própria vida que nos gera e que nos há de gerar sempre outros mundos. Mundos diferentes, únicos, como também nós o somos. Nos nossos mais profundos sofrimentos, alegrias, desejos e nostalgias. Mundos de Gratuidade, de Sentido e Beleza. “O Idiota”; a “vocação”, de Caravaggio; e o louco, de “A Estrada”.

Nunca vos esqueçais destas últimas três palavras: gratuidade, sentido e beleza. Podem parecer-vos inúteis, sobretudo hoje em dia. Quem se põe a criar uma sociedade procurando gratuidade, sentido e beleza? Não funciona, não funciona! No entanto, daquilo que parece inútil depende toda a humanidade, o futuro!

Ide em frente, inspirai-vos nesta mística que foi concedida, que ninguém inventou; e os primeiros a surpreender-se foram aqueles dois loucos que a fundaram. É por isso que a oferecem, a dão, porque não lhes pertence. É algo que receberam como dom. Ide em frente semeando e colhendo, com o sorriso, com o risco, mas todos juntos e sempre de mãos dadas para superar qualquer crise.

Deus vos abençoe e, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!



O Papa encorajou os participantes na peregrinação virtual de Macerata a Loreto

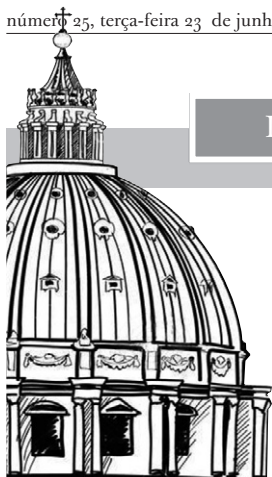
### A coragem de olhar além

«É a primeira vez que assisto a uma peregrinação virtual». Na noite de sábado, 13 de junho, o Papa Francisco interveio telefonicamente, pelo oitavo ano consecutivo, na edição número 42 da peregrinação Macerata-Loreto (Itália), que no entanto este ano foi realizada de uma forma inédita, devido à Covid-19.

Francisco dirigiu-se diretamente «aos amados peregrinos virtuais, rapazes e moças, homens e mulheres, todos vós que neste momento estais fora do santuário de Nossa Senhora de Loreto, Mãe da esperança, a Mãe que ajuda a olhar além; nestes momentos tão difíceis, temos necessidade de olhar além com esperança». E o Papa continuou a sua intervenção com estas palavras: «Estou próximo de vós nesta peregrinação virtual e rezo convosco e por vós, e vós orai por mim. Tende coragem! Os tempos que se aproximam, depois desta pandemia, não serão fáceis, mas com coragem, fé e esperança, poderemos ir em frente. Coragem! Pede hoje

a Nossa Senhora esta coragem. Rezo convosco!». Para concluir: «Obrigado a vós e a todos aqueles que colaboram para esta peregrinação virtual. Que o Senhor vos abençoe, que Nossa Senhora vos ampare. Abençoo-vos e, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim!».

A edição virtual da peregrinação já tradicional teve lugar só em Loreto, precisamente da praça de Nossa Senhora ao interior da basílica da Santa Casa, com a passagem pela porta santa. Naquele momento estavam presentes apenas vinte jovens, em representação dos milhares de peregrinos que todos os anos dão vida a este encontro espiritual. Com eles, D. Giancarlo Vecerica, bispo emérito de Fabriano-Matelica, e D. Fabio Dal Cin, arcebispo prelado de Loreto. Francisco concluiu a sua mensagem com uma significativa saudação a todos os participantes: «Sois os peregrinos de Nossa Senhora!».



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 12 de junho

O Senhor Cardeal Luis Antonio G. Tagle, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos.

Suas Ex.<sup>cias</sup> os Senhores Jan Tombiński, Embaixador da União Europeia, em visita de despedida; Marta Cartabia, Presidente do Tribunal Constitucional Italiano; e os Membros da Presidência Nacional do Movimento Eclesial de Compromisso Cultural (MEIC).

O Rev.<sup>do</sup> Pe. Pasquale Spinoso, Conselheiro Eclesiástico da Embaixada da Itália junto da Santa Sé.

No dia 13 de junho

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Suas Ex.<sup>cias</sup> o Dr. Federico Cafiero de Raho, Procurador Nacional Antimáfia e Antiterrorismo da República Italiana; e o Prof. Andrea Monda, Diretor de «L'Osservatore Romano».

No dia 15 de junho

O Senhor Cardeal Leonardo Sandri, Prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais.

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 15 de junho

De D. José Vilaplana Blasco, ao governo pastoral da Diocese de Huelva, na Espanha.

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 12 de junho

Membro do Conselho de Administração da Autoridade de Informação Financeira, Sua Ex.<sup>cia</sup> a Sr.<sup>a</sup> Antonella Sciarone Alibrandi, Pró-Reitora Substituta da Universidade Católica do Sagrado Coração (Itália).

Chefe de Departamento na Biblioteca Apostólica do Vaticano, Sua Ex.<sup>cia</sup> a Sr.<sup>a</sup> Raffaella Vincenti, atualmente Secretária da mesma Biblioteca Apostólica.

No dia 13 de junho

Núncio Apostólico no Sri Lanka, D. Brian Udaigwe, Arcebispo Titular de Suelli, até agora Núncio Apostólico no Benim e no Togo.

No dia 15 de junho

Bispo de Huelva (Espanha), D. Santiago Gómez Sierra, até esta data Bispo Titular de Vergi e Auxiliar de Sevilha.

Bispo de Salto (Uruguai), D. Arturo Eduardo Fajardo Bustamante, até hoje Bispo de San José de Mayo.

Bispo de Caxito (Angola), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Maurício Agostinho Camuto, c.s.sp., até à presente data Diretor da Rádio Nacional Católica «Ecclesia».

D. Maurício Agostinho Camuto, c.s.s.p., nasceu em 26 de dezembro de 1963 em Colungo Alto, Diocese de Ndalatando, na província do Kwanza Norte, em Angola. Completou os estudos teológicos em Brazzaville (República do Congo). Emitiu a profissão religiosa na Congregação do Espírito Santo, a 5 de setembro de 1987, e foi ordenado Sacerdote em 28 de julho de 1991. Após quatro anos de experiência pastoral a nível paroquial na missão de Landana, na Diocese de Cabinda, foi reitor primeiro do seminário propedéutico dos padres espiritanos, na Diocese de Malanje (1995-1999), e depois do escolasticado dos padres espiritanos, nas Dioceses de Huambo e Benguela (1999-2000). Tendo completado três anos de estudos em comunicação social na pontifícia Universidade salesiana de Roma, regressou à sua terra natal como coordenador da comissão de imprensa da Conferência episcopal de Angola e São Tomé - Ceast (2003-2006). Em seguida, foi diretor da emissora nacional católica «Ecclesia» (2006-2010), superior provincial dos padres espiritanos em Angola por dois mandatos (2010-2016) e, novamente

(a partir de 2016), diretor da «Rádio Ecclesia».

Secretário da Administração do Património da Sé Apostólica (Apsa), Sua Ex.<sup>cia</sup> o Dr. Fabio Gasperini.

Mestre-de-Cerimónias Pontificias, o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Lubomír Welnitz, do Clero da Associação Clerical Obra de Jesus Sumo Sacerdote, atualmente Oficial da Penitenciária Apostólica.

No dia 17 de junho

Bispo de Uruaçu, no Brasil, o Rev.<sup>do</sup> Pe. Giovanni Carlos Caldas Barroca, do clero da Arquidiocese de Brasília, até agora Pároco de São Miguel Arcanjo, no Recanto das Emas - DF.

D. Giovanni Carlos Caldas Barroca nasceu no dia 14 de fevereiro de 1969, em Brasília (Brasil), onde estudou filosofia e teologia no seminário arquidiocesano Nossa Senhora de Fátima. Tendo sido ordenado Sacerdote em 3 de dezembro de 1994, para o clero de Brasília, foi coordenador do setor pastoral, professor no seminário arquidiocesano e membro dos conselhos presbiteral, episcopal e pastoral. Até à presente data era também vigário episcopal do vicariato leste da mesma Arquidiocese.

Bispo de Gozo, em Malta, o Rev.<sup>do</sup> Pe. Anthony Teuma, do clero da mesma Diocese, até esta data Delegado Episcopal para a Família e Responsável do «John Paul II Family Institute» de Gozo.

D. Anthony Teuma nasceu em Xaghra, Gozo (Malta), no dia 11 de janeiro de 1964, e foi ordenado Sacerdote em 25 de junho de 1988.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 5 de junho

D. George Vance Murry, SJ., Bispo da Diocese de Youngstown, nos Estados Unidos da América.

Il saudoso Prelado nasceu em Camden, New Jersey (Estados Unidos da América), a 28 de dezembro de 1948. Recebeu a Ordenação sacerdotal em 9

de junho de 1979 e foi ordenado Bispo no dia 20 de março de 1995.

D. James Albert Murray, Bispo Emérito de Kalamazoo, nos Estados Unidos da América.

O venerando Prelado nasceu em Jackson, Diocese de Lansing (Estados Unidos da América), a 5 de julho de 1932. Foi ordenado Presbítero no dia 7 de junho de 1958 e recebeu a Ordenação episcopal em 27 de janeiro de 1998.

A 6 de junho

D. Andrea Veggio, ex-Bispo Auxiliar da Diocese de Verona (Itália).

O venerando Prelado nasceu em Manerba del Garda, na Itália, a 28 de agosto de 1923. Recebeu a Ordenação sacerdotal em 29 de junho de 1947 e foi ordenado Bispo no dia 8 de setembro de 1983.

A 9 de junho

D. Francis Lagan, Bispo Titular de Sidnacestre, ex-Auxiliar de Derry, Irlanda.

O saudoso Prelado nasceu em Maghera, Derry (Irlanda), no dia 31 de outubro de 1934. Foi ordenado Sacerdote em 19 de junho de 1960 e recebeu a Ordenação episcopal a 20 de março de 1988.

D. Youssef Béchara, Arcebispo Emérito de Antélias dos Maronitas (Líbano).

O ilustre Prelado nasceu em Arbet-Kozhaya, na Arquieparquia de Trípoli dos Maronitas (Líbano), a 19 de março de 1935. Recebeu a Ordenação presbiteral em 19 de abril de 1963 e foi ordenado Bispo no dia 18 de maio de 1986.

A 11 de junho

D. John Basil Meeking, Bispo Emérito de Christchurch, na Nova Zelândia.

O venerando Prelado nasceu a 19 de novembro de 1929, em Ashburton (Nova Zelândia). Foi ordenado Presbítero em 19 de julho de 1953 e recebeu a Ordenação episcopal no dia 3 de junho de 1987.

Faleceu de Covid-19 também Paulinho Paiaçã

Conhecido defensor da floresta pluvial amazónica

Muitos países da América Latina estão, a nível global, entre os que registam o maior número de mortes por cem mil habitantes. Em particular o Equador, o Brasil e o México, juntamente com o Canadá e os Estados Unidos, lideram esta triste classificação. Toda a região da

América Latina, com uma média de quase 50.000 novos casos e mais de duas mil mortes ao dia, está a avançar a um ritmo acelerado para os dois milhões de contagiados. No que diz respeito às mortes, a América Latina ultrapassou o número 86.000 mortos e, segundo os especialistas, poderá chegar a 100.000 em poucos dias.

Na região, o Brasil é o principal protagonista. O Ministério da Saúde de Brasília anunciou que os contagiados continuam a aumentar e, neste momento, com 32.188 novos casos nas últimas 24 horas, atingiram 955.377 unidades. Os óbitos totalizaram 46.510, tendo sido registados 1.269 no último boletim diário.

Paulinho Paiaçã, um dos mais conhecidos defensores indígenas da floresta amazónica, hospitalizado no dia 8 de junho no estado do Pará por complicações ligadas a Covid-19, faleceu há dois dias com 65 anos. Nos anos 80, tornou-se um rosto conhecido mundialmente pelo seu empenho na luta contra o projeto hidroelétrico brasileiro de Belo Monte, a terceira maior barragem do mundo. Segundo a APIB – Associação dos Povos Indígenas do Brasil – os Caiapós estão entre os 287 indígenas que morreram e entre os cerca de 5.500 que, até agora, resultaram positivos ao vírus no país.



O líder indígena Paulinho Paiaçã (Afp)



## ANGELUS

Mais responsabilidade no cuidado da casa comum

## Dignidade e segurança para os migrantes

*É necessário garantir proteção, dignidade e segurança às pessoas obrigadas a deixar a própria terra para evitar perigos e ameaças. Pediu o Papa no final do Angelus de domingo, 21 de junho, recordando o Dia mundial do refugiado celebrado no dia anterior por iniciativa das Nações Unidas. Anteriormente Francisco, partindo do trecho evangélico de Mateus proposto pela liturgia (10, 26-33), propôs aos fiéis uma reflexão sobre o convite de Jesus a «não ter medo».*

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste domingo (cf. Mt 10, 26-33) faz eco ao convite que Jesus dirige aos seus discípulos para que não tenham medo, sejam fortes e confiantes diante dos desafios da vida, alertando-os para as adversidades que os esperam. O trecho de hoje faz parte do discurso missionário com o qual o Mestre prepara os Apóstolos para a primeira experiência de proclamação do Reino de Deus. Jesus exorta-os insistentemente a “não terem medo”. O medo é um dos piores inimigos da nossa vida cristã. Jesus exorta: “não receeis”, “não tenhais medo”. E Jesus merece três situações concretas que eles enfrentarão.

Antes de tudo, a primeira, a hostilidade daqueles que gostariam de silenciar a Palavra de Deus, edulcorando-a, diluindo-a ou reprimindo quanto a anunciam. Neste caso, Jesus encoraja os Apóstolos a difundir a mensagem de salvação que Ele lhes confiou. Até aquele momento, Ele transmitiu-a com prudência, quase em segredo, no pequeno grupo dos discípulos. Mas eles deverão proclamar o seu Evan-

gelho “à luz do dia”, ou seja, abertamente, e anunciá-lo “sobre os telhados” – assim diz Jesus – isto é, publicamente.

A segunda dificuldade que os missionários de Cristo irão encontrar é a ameaça física contra eles, isto é, a perseguição direta do seu povo, inclusive a morte. Esta profecia de Jesus verificou-se em todos os tempos: trata-se de uma realidade dolorosa, mas atesta a fidelidade das testemunhas. Quantos cristãos ainda hoje são perseguidos em todo o mundo! Sofrem pelo Evangelho com amor, são os mártires dos nossos dias. E podemos dizer com certeza que são mais do que os mártires dos primeiros tempos: muitos mártires unicamente pelo facto de serem cristãos. A estes discípulos de ontem e de hoje que sofrem a perseguição, Jesus recomenda: «Não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma» (v. 28). Não nos devemos deixar assustar por aqueles que procuram extinguir a força da evangelização através da arrogância e da violência. Na verdade, nada podem fazer contra a alma, ou seja, contra a comunhão com Deus: ninguém a pode tirar aos discípulos, pois é um dom de Deus. O único medo que o discípulo deve ter é o de perder esse dom divino, a proximidade, a amizade com Deus, renunciando a viver segundo o Evangelho e causando deste modo a sua morte

moral, que é a consequência do pecado.

O terceiro tipo de prova que os Apóstolos terão de enfrentar, é indicada por Jesus no sentimento que alguns terão de que o próprio Deus os abandonou, permanecendo distante e silencioso. Também aqui nos exorta a não ter medo, porque, apesar de passarmos por estas e outras ciladas, a vida dos discípulos está firmemente nas mãos de Deus, que nos ama e nos guarda. São como as três tentações: edulcorar o Evangelho, diluí-lo; segunda, a perseguição; e terceira, o sentimento de que Deus nos deixou sozinhos. Jesus também sofreu esta provação no Jardim das Oliveiras e na Cruz: “Pai, por que me abandonaste”, diz Jesus. Por vezes sentimos esta aridez espiritual; não devemos ter medo dela. O Pai cuida de nós porque o nosso valor é grande aos Seus olhos. O importante é a franqueza, a coragem do testemunho, do testemunho de fé: “reconhecer Jesus diante dos homens” e ir em frente praticando o bem.

Maria Santíssima, modelo de confiança e abandono em Deus na hora da adversidade e do perigo, ajuda-nos a nunca ceder ao desânimo, e a confiar sempre n'Ele e na Sua graça, porque a graça de Deus é sempre mais poderosa do que o mal.

*No final da prece mariana, depois do apelo a favor dos refugiados, o Pontífice falou da relação homem/meio-ambiente, exortando a uma maior responsabilidade no cuidado da casa comum. Em seguida convidou os fiéis a rezar pelos pais e recordou aos jovens o testemunho de São Luís Gonzaga no dia da sua memória litúrgica.*

Estimados irmãos e irmãs!

Ontem, as Nações Unidas celebraram o Dia Mundial do Refugiado. A crise provocada pelo coronavírus salientou a necessidade de assegurar a proteção necessária também aos refugiados, de modo a garantir a sua dignidade e segurança. Convido-vos a unir-vos à minha oração por um compromisso renovado e eficaz de todos a favor da efetiva proteção de cada ser humano, especialmente daqueles que foram forçados a fugir devido a situações de grave perigo para eles ou para as suas famílias.

Hoje, na minha terra natal e noutros lugares, celebramos o dia dedicado ao pai, aos pais. Garanto a minha proximidade e oração a todos os pais. Todos sabemos que ser pai não é um trabalho fácil! É por isso que rezamos por eles. Lembro-me também, de forma especial, dos nossos pais que continuam a proteger-nos do Céu.

E saúdo todos vós, caros fiéis romanos e peregrinos que vestistes de várias partes da Itália – agora os peregrinos começam a ver-se e, cada vez mais, também de outros países – alguns: vejo as bandeiras... Saúdo em particular a vós, jovens: hoje recordamos São Luís Gonzaga, um jovem cheio de amor a Deus e ao próximo; faleceu muito jovem, aqui em Roma, porque cuidava dos doentes de peste. À sua intercessão confio os jovens de todo o mundo.

E a todos desejo bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!



## Bento XVI esteve na Alemanha para visitar o irmão

Bento XVI regressou à sua residência no mosteiro Mater Ecclesiae, no Vaticano, às 13h45 de segunda-feira 22 de junho, de volta da Alemanha. Na passada quinta-feira, Joseph Ratzinger deslocou-se a Regensburg para visitar o seu irmão de 96 anos, Georg Ratzinger, que está doente. Tendo partido pouco depois das 10h da manhã do seminário da cidade alemã, onde ficou hospedado durante estes dias, o Papa Emérito dirigiu-se para o aeroporto de Munique, embarcando alguns minutos antes do meio-dia. Às 13h00 chegou ao aeroporto romano de Ciampino, de onde regressou de carro ao Vaticano.



Migrantes no antigo quartel militar de Blazuj, Bósnia e Herzegovina (Epa)